VI coMcult 08 e 09/11
VÍNCULOS, REDES E AMBIENTES
VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO E CULTURA

THE BEAUTY OF THE SKY OU SIMPLESMENTE "A BELA DOS CÉUS":

Imaginário, representações e estereótipos de gênero vinculados às aeromoças na série Pan Am[1]

Debora Cavalcanti de Souza Lima[2]

Janete Monteiro Garcia[3]

Resumo

O presente artigo analisará o enredo da série televisiva *Pan Am*, — produzida pela Sony Pictures Television — cuja narrativa trata da vida de cinco aeromoças. Nossas hipóteses são: que o olhar como alimento das imagens (Belting 1994-2001), influencia na criação de estereótipos e incentiva o abuso de poder e a prática de assédios; que são acionados rótulos baseados em tendências machistas, trazendo como efeito a valorização e desvalorização de tal profissão. O corpus é composto 14 episódios da primeira e única temporada, tomando como referência as comissárias da atualidade e suas representações midiáticas. Finalmente, para corroborar a análise proposta, utilizaremos os seguintes autores: Morin (1970-1975), Durand (1993-2004) e Wolf (1992).

Palavras-chave: Aviação, Mulher, Estereótipos, Representação, Imaginário.

Abstract:

This article will analyze the plot of the Pan Am television series, produced by Sony Pictures Television, whose narrative deals with the lives of five flight attendants. Our hypotheses are: that the look as food of the images (Belting 1994-2001), influences the creation of stereotypes and encourages the abuse of power and the practice of harassment; which are triggered labels based on macho tendencies, bringing as effect the valorization and devaluation of such profession. The corpus is composed of 14 episodes of the first and only season, taking as reference the current commissioners and their media representations. Finally, to corroborate the proposed analysis, we will use the following authors: Morin (1970-1975), Durand (1993-2004) and Wolf (1992).

Keyword: Aviation, Woman, Stereotypes, Representation, Imaginary.

---

[1] Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Vínculo, Coesão e resistência, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

[2] Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Unip – debora.cavalcanti@icloud.com

[3] Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Unip – jane_s_monteiro@yahoo.com.br

Introdução:

Geralmente as profissões vinculadas à aviação causam certo entusiasmo nas pessoas, de modo que muitas tem como propósitos e sonhos profissionais o ingresso no ramo do transporte aeronáutico, seja pela ideia de viajar o mundo, pelo "glamour" que a aviação transmite, ou simplesmente pelo desejo de usar os uniformes e estar impecavelmente elegante, como tais profissionais se apresentam. No entanto, muitas pessoas não sabem quando e por que tal profissão foi criada.

Segundo o Centro Educacional de Aviação do Brasil (2018), a profissão de "aeromoça" surgiu em 1930 por reinvindicação de uma mulher, Ellen Church, que sempre foi apaixonada por aviação. Como na época a mulher não podia pilotar, pelo fato de "ser mulher" — ela como enfermeira — sugeriu à Boeing Air que colocasse profissionais dessa área da saúde a bordo dos aviões para cuidar do bem estar e segurança dos passageiros durante o voo. Entre inúmeras exigências para o cargo, as moças deveriam ser solteiras, não terem filhos, obedecer um padrão físico de peso e altura, com salários muito baixos em relação aos homens, que além de configurar ou fortalecer a cultura machista abria precedentes para a criação de estereótipos, os quais serão aprofudandos neste estudo.

Com a ideia de mulher frágil, as aeromoças fizeram sucesso, pois no geral, os passageiros entendiam que pelo fato de ter mulheres na tripulação, os voos poderiam ser considerados mais seguros e não apresentar tanto risco quanto pensavam.

No período da Segunda Guerra Mundial quando muitas enfermeiras foram convocadas para os campos de batalha, as companhias aéreas então, começaram a colocar mulheres de nível superior a bordo a fim de atender a demanda. Manter o charme e a elegância continuavam sendo requisitos "básicos" para a companhia, já que esta profissional representaria uma espécie de cartão de visita ou, uma "marca" da empresa. A profissão se popularizou e supostamente perdeu o símbolo sensual que possuía, surgindo a partir daí, o "comissário". Mas, será que a erotização dessas profissionais ficou no passado?

É que o que pretendemos trabalhar neste artigo tendo como *corpus* A série *Pan Am* — produzida pela Sony Pictures Television — cujo enredo trata da vida de cinco aeromoças, compondo o elenco principal as atrizes: Christina Ricci como Maggie Ryan, comissária de bordo da tripulação, que não tem medo de testar as regras da *Pan Am* e

seus superiores; Margot Robbie, como Laura Cameron — uma aeromoça recém-saída do treinamento e irmã mais nova de Kate Cameron. Laura vira uma mini celebridade após ser clicada e se tornar capa da Revista *Life* com seu uniforme da *Pan Am* e isso mais tarde, foi motivo de irritação para sua irmã; Karine Vanasse, atuou como Colete Valois, uma aeromoça francesa, que ficou órfã na época da ocupação alemã na França, durante a Segunda Guerra Mundial e por isso, viveu por muito tempo traumatizada amargando as as duras experiências daquele período; Kelli Garner — interpretada por Kate Cameron, é uma trilíngue e experiente aeromoça, irmã mais velha de Laura Cameron. Durante o desenrolar dos capítulos, Kate é recrutada pela CIA e começa a trabalhar como agente secreta. No elenco secundário está Annabelle Wallis como Bridget Pierce, uma aeromoça inglesa e ex-comissária de bordo. Ela namorava Dean Lowrey (piloto da empresa aérea) antes de sair de seu emprego na *Pan Am* e ir para Londres, como agente secreta da inteligência. Foi a mesma que recomendou Kate para a substituí-la. Além de todo o enredo de aventura, romance e suspense, a série relembra o *glamour* da aviação na década de 1960. O seriado estreou em 25 de setembro de 2011, exibindo seu último episódio da primeira temporada em 19 de fevereiro de 2012. Uma das produtoras executivas, escritoras e desenvolvedoras da série foi Nancy Hult Ganis, aeromoça da *Pan Am* entre 1968 a 1976. Sua pesquisa para produzir o seriado foi conduzida na *Pan Am* Historical Foundation e na Universidade de Miami, lugar onde ficaram guardados os arquivos da *Pan Am*. Ganis instruiu ainda os atores e prestou consultoria para os departamentos de acessórios, produção e designers a fim de organizar a série da maneira mais fiel possível correspondendo ao espírito da época. Diante desse resgate dos primórdios dessa profissão, pretendemos trabalhar questões envolvendo três principais tópicos, conforme dividimos: 1) O Imaginário, 2) As Representações e 3) Os Estereótipos, relacionados à essas profissionais.

Considerando que a comunicação é algo acumulativo e interfere diretamente na memória individual e coletiva, que por sua vez é considerada contínua, de acordo com Bystrina (1995), se faz necessária análise, provendo, quem sabe, um olhar e diálogo mais atento sobre tais assuntos, por vezes, delicados e dos quais, provêm muitos desafios ainda não superados pela sociedade.

1.0 - O Imaginário

As representações objetificadas acerca das aeromoças estão lincadas diretamente ao imaginário e ao despertar de sentimentos induzidos por meio de construções culturais, dos meios de comunicação e o impacto que os mesmo têm junto à sociedade. Assim, comparados a alguns conceitos atinentes ao estudo desenvolvido por Malena Contera (2017 pág.15), em sua obra Mediosfera, é possível ressaltar que "aparentemente as discussões contemporâneas em comunicação, tanto no âmbito da produção quanto no da recepção mediática", estão ligados às "questões relativas às imagens, subestimando a importância da formação e da ação dos imaginários." Esse é exatamente o ponto de reflexão com a natureza e a ação dos imaginários nos meios de comunicação, que não se esgotam nas especificidades da produção tecno-instrumental das imagens mediáticas. Em sua obra Contera traz análises de inúmeros estudiosos da teoria do imaginário, entre eles, Edgar Morin, que é um dos poucos autores fora da área de psicologia, a apresentar distinção entre realidade física e realidade objetiva — aspecto fundamental para esclarecer o que propõe com o conceito da Noosfera, cuja natureza se caracteriza não pela matéria, mas por sua contraparte, a energia. Negar a existência da energia, de sua ação ou capacidade de se realizar, de sua realidade é algo comum na Física e sociedade, considerarando ainda hoje, como realidade objetiva apenas o que se pode constar concretamente, ou quantificar empiricamente (Contrera, 2017, pág. 19). Essa energia mencionada por Contera se encaixa com o *corpus,* no sentido de talvez, inconscientemente interferir no imaginário da massa, despertando ou evocando uma espécie de memória, seducação e fetiche quanto às comissárias.

Além disso, a obra elencada também corrobora com à análise de tal *objeto* quando como dito acima, mexe com o imaginário dos receptores, que identificam padrões físicos (estereotipados) referente às aeromoças, fazendo delas uma espécie de símbolo, englobando simultaneamente as noções de cultura e de noosfera, conforme descreve Morin (1992),

> As representações, os símbolos, mitos, ideiais, são englobados simultaneamente pelas noções de cultura e de Noosfera, sob o ponto de vista da Cultura, constituem a sua memória, os seus saberes, os seus programas, as suas crênças, os seus valores, as suas normas. Sob o ponto de vista da Noosfera, são entidades feitas de substâncias espiritual e dorados de uma certa existência. Saídas das próprias interrogações que tecem a cultura de uma sociedade, a Noosfera emerge como uma

> realidade objetiva, dispondo de uma relative autonomia e povoada de emtidades a que vamos chamar de "seres do espírito". (MORIN,1992, p101).

Pode-se dizer que a construção de um modelo ou estereótipo assim como configurado no *corpus,* ora estudado, obrigam de certa forma as mulheres ao papel imposto pelas construções do imaginário coletivo, com o intuito de atrair e seduzir principalmente o público masculino, com a associação dessas profissionais ao desejo e prazer, alimentando desta forma também o capital. O que de certa forma faz com que tais receptores, cosciente ou inconscientemente trate as aermoças como objetos da imaginação. Durand (2004), na obra "O Imaginário", coloca que:

> [...] Qualquer manifestação da imagem representa uma espécie de intermediário entre um inconciente não manifesto e uma tomada de consciência ativa. Daí ela possuí o status de um símbolo e construir o modelo de pensamento indireto […]. (DURAND, 2004, p.36).

A manifestação da imagem citada acima pode ser pensanda na pratica do imaginar, na criação de um pensamento reflexivo, na reprodução. Podemos atrelar à subjetividade humana e na construção do pensamento indireto.

Na Obra: Imaginação Simbólica, Durand (1993) traz a exemplificação de que os símbolos e objetos do imaginário servem como modelo e a partir dessa afirmação, podemos desenhar um círculo para representar o conjunto imagiário cobrindo uma determinada época da sociedade, podemos dividí-lo em duas "fatias", na horizontal, as quais correspondem, de baixo para cima, às três instâncias freudianas e que aqui serão aplicadas metaforicamente a uma sociedade: a fatia inferior, a mais "profunda" representa um "isso" antropológico, mas que nós preferimos denominar "inconsciente específico" e que está ligado à estrutura psicológica do animal social. É neste campo que os esquemas arquétipos provocam as imagens "arquétipas", e ainda,

> (…) a consciência dispõe de diferentes graus de imagem – consoante esta última é uma cópia fiel da sensação ou apenas assinala a coisa – cujo dois extremos seriam constituidos pela adequação total, a presença perceptiva, ou pela inadequação mais extrema, isto é, um signo eternamente viúvo de significado e veriamos que este signo longínquo não e mais do que símbolo" o símbolo define como pertence a categoria do signo. (DURAND, 1993, pág. 8)

É através da imaginação simbólica a qual refere-se acima que possivelmente interferem na sociedade geral, onde podemos identificar: mulheres querem pertencer a grupos estereotipados e homens se atraem por esse tipo de erotização como por exemplo, as aeromoças da série *Pan Am* que se submetem a todas as regras impostas pela empresa não apenas pelo emprego, mas também pelo que a série demonstra, as aeromoças estão submetidas às rigorosas checagens estéticas devido ao *glamour* o qual tal profissão "pode" proporcionar. São em situações fora da realidade e da razão, que as pessoas parecem estar hipnotisadas. Enquanto outras que não se entregam às armadilhas do imaginário, são excluídas por não pertencer àquela "tribo"[4]. Podemos definer o símbolo, ou *"A Lalande"*[5] como qualquer signo concreto que evoca, através de uma relação natural, algo de ausente ou impossível de perceber. O símbolo é, pois, uma representação que faz aparecer um sentido secreto, é a epifania de um mistério, conforme destaca (Durand, 1993, pag 12). Esse conceito símbólico talvez influencie o imaginário de homens como na série *Pan Am*, quando criam talvez sem perceber a imagem ou o signo, ou ainda "*A Lalande"*, da aeromoça com determinado esteriótipo e quando expostos a esse imaginário intrínseco, podem inclusive, perder o controle como no episódio dois, onde um passageiro ataca sexualmente uma das comissárias e o qual, discorreremos melhor no Tópico destinado aos Estereótipos.

Por outro lado, no que tange à contribuição para os estudos da semiótica da cultura, Bystrina (1995) afirma que tal ciência oferece a possibilidade de verificar nossos valores e padrões culturais; o que nos é necessário para decidir melhor aquilo que pode ser feito, da melhor forma, no melhor tempo.

Esta semiótica ainda nos permite ver a relação entre valores, ideiais e nos fornece indicativos para intervir no processo, além de mostrar o desenvolvimento real da cultura até agora. Se conhecemos as tendências da cultura, podemos decidir o que devemos fazer num momento difícil. Sem conhecimento dessas tendências nós não podemos fazer nada e suppostamente, nos encontramos num estado crônico de indefinição. As tendências são portanto, objetivas. Elas, na verdade, são dadas pela nossa psique, mas é preciso considerar

[4] Saiba mais em: Sociedade humana rudimentarmente organizada.[Antropologia] Grupo das pessoas que descendem do mesmo povo, partilham a mesma língua, têm os mesmos costumes, tradições etc. https://www.dicio.com.br/tribo/ Acesso em 30 de maio de 2018.

[5] A LALANDE, vocabulaire critique et thecnique de la philosophie, artigo, símbolo, sentido.

que a psique é também influenciada pelas situações. Para Bystrina (1995), a troca leva à acumulação e à ampliação do entendimento de ambos os lados, ou seja, ora a informação é corrigida, ora é confirmada, ora é acrescentada, ora modificada.

Ao analisar o referencial teórico aqui exposto sobre cultura midiática, bem como sua influência na sociedade, na criação de memória e principalemente na criação de grupos e esteriótipos de determinadas pessoas, gêneros, sexos, profissões ou coisas, podemos então, dizer que todos estes conceitos fazem parte de uma cultura de representação, como adentraremos mais profundamente, a seguir, utilizando como base Stuart Hall (2016), para nos ajudar no entendimento e reprogramação de imagens esteriotipadas de certos "grupos".

2.0 - As Representações

Ao entrarmos no Tópico da Repressentação podemos destacar que a mesma está intrinsecamente associada aos Esteriótipos, tendo em visto que,

> [...] A esteriotipagem em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o "normal" e o "pervertido" e o "normal e o patológico", o "aceitável" e o "inaceitável", o "pertencente" o " não petencente" ou "Outro", entre " pessoas de dentro" (*insiders)* e "forasteiros" *(outsiders)*, entre nós e eles." (HALL, 2016, pág. 192).

Assim, segundo Hall, é na esteriotipagem que estabelecemos uma conexão entre representação, diferença e poder. No entanto, muitas vezes pensamos no poder, em termos de restrição ou coerção física direta, contudo, também falamos, por exemplo, do poder na representação, poder de marcar, atribuir e classificar, do poder simbólico e do poder da expulsão ritualizada. O poder no qual Hall (2016) se refere, "deve ser entendido não apenas como exploração econômica e coerção física, mas também em termos simbólicos através das práticas representacionais e a esteriotipagem." Tais afirmações vão de encontro com a análise ora estudada, já que a representação está diretamente ligada a esteriotipagem que a série explora através das aeromoças, que no *off* (narração) menciona "os passageiros são recebidos pela graça e beleza internacional conhecidas como as comissárias da Pan Am" (Imagens 1 e 2, abaixo).

Podendo então a representação estar associada à questão do poder, conforme Hall (2016, p.196), este não é apenas promotor de relações desiguais, não só restrige ou inibe, ele, mas pode ser produtivo no sentido de gerar novos conhecimentos, novas práticas, entre outros. Tal colocação nos remete novamente ao episódio inicial da série, que ao criar um esteriótipo para as aeromoças, está relacionando "representação e o poder" das mesmas ao ideal de beleza feminina e determinados padrões específicos.

Outro ponto importante da representação apresentada na obra de Hall (2016, p. 201) e que vai diretamente de encontro com a análise da série, diz respeito ao fetichismo. Este último nos leva para um mundo no qual a fantasia interfere na representação numa esfera a qual "aquilo que é mostrado ou visto [...] só ser entendido em relação ao que não pode ser visto, ao que não pode ser mostrado. O fetichismo envolve substituir por um “objeto”, uma força perigosa e poderosa, mas proibida”. A imagem (abaixo capturada da tela), que diz respeito ao segundo episódio e revela exatamente o poder do fetichismo em relação à fantasia e/ou imaginário. A sensação do perigo, de poder e proibição; o desejo sexual alimentado pelo imaginário, pela fantasia, leva o passageiro a atacar sexualmente a aeromoça em pleno voo (Imagem 3 abaixo).

Stuart Hall diz: “A linguagem é um dos ‘meios’ através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura” (2016, p18). Os sentidos são criados e perpassados por intermédio de linguagem, que podem ser dos mais diversos tipos, escrita, falada, imagens, objetos, expressões faciais, linguagem corporal, música.

Na obra, Cultura e Representação (2016, p 216), o autor exalta as práticas da representação denominadas estereótipos, apresentando teorias centradas em imagens. Em suas pesquisas, Hall aponta estratégias para modificar as representações contestando imagens negativas e estereotipadas, por positivas, ou seja, invertendo o esteríotipo. Tal alegação outorga que as representações podem ser modificadas, tendo em vista que não são permanentemente fixas, sendo uma das estratégias a transcodificação, ou seja, à apropriação de um significado existente, colocando-a em um novo significado, mais engrandecedor.

Tais concepções vão diretamente de encontro com a análise da série televisiva. Pode-se dizer que a linguagem usada pela companhia *Pan Am* imprime um conceito estereotipado sobre as aernomoças, conforme ressalta,

> “A linguagem é um dos ‘meios’ através do qual pensamentos, idéias e sentimentos são representados numa cultura” (2016, p18). E de forma complementar, a cultura é colocada como o local de criação e troca de significados dentro de um grupo ou sociedade, além de estar relacionada a sentimentos, conceitos, idéias e o senso de pertencimento.

Quando falamos de linguagem, meios e sentimentos, colocados em grupos ou sociedade, as representações despertam entre outros sentimentos, o senso de pertencimento. Na série fica evidente essa questão, ou seja, o senso de que o outro pertence a si e por isso, "pode" estar sujeito a tudo e qualquer coisa. Isso é mostrado principalmente no momento em que o passageiro assedia sexualmente a aeromoça, que busca se defender como pode. Nosso próximo tópico trataremos mais amplamente a esse respeito.

3.0 – Estereótipos

Neste momento do estudo vamos tratar a respeito de estereótipos, utilizando exemplos extraídos da série em questão e que por vezes, segundo o semioticista Eric

Landowski (2012, p.13), destacou em sua Obra: Presença do Outro, “são reproduzidos pela mídia”. Vemos por um lado, que essa exposição de certa forma auxilia nas discussões sobre o assunto, mas por outro, pode reforçar atitudes oriundas e amparadas na cultura da diferença, do preconceito, do machismo. Além de corroborarem com nossas hipóteses, esse tipo de fenômeno traz à tona desafios antigos, ao mesmo tempo que atuais, fortalecendo as representações em torno da mulher que atua na profissão de comissária, já que "seus corpos erotizados" reificam e alimentam o imaginário, conforme tratado anteriormente, o que reflete na representação e criam um esteriótipo, de que são mais “gostosas e serviçais” do que realmente, profissionais qualificadas.

Em nossa análise do primeiro capítulo da Série *Pan Am*, vemos especificamente reforçado o estereótipo da mulher magra atrelado à ideia de que para ser elegante e atraente, a mulher precisa apresentar esse biotipo. Isso ocorre na cena onde as aeromoças — antes de cada viagem — têm suas medidas corporais, como o peso, verificados, tratando-se de uma exigência da companhia. Esta pode ser vista, quem sabe, como uma estratégia para atrair e fidelizar um determinado público, conforme se observa no decorrer da trama, que boa parte é formada por “executivos”, usuários deste serviço que viajam a fim de cumprir com compromissos profissionais. Inclusive em alguns episódios, são mostradas imagens onde frequentemente os mesmos assediam as profissionais e um destes passageiros (que omitiu ser casado), chega a se envolver com uma das personagens, a comissária chamada Collette.

A criação e disseminação dos estereótipos, de acordo com Landowski (2012, p. 25), não são meras descrições que se fazem a respeito do “Outro”, e sim são usados “como meio expeditivo de reafirmar uma diferença”, podendo acrescentar — no caso estudado, que estes mostram-se atenuados nos comportamentos autoritários direcionados ao outro. Nos fica mais clara ainda tal afirmação analisando o segundo episódio da série, quando Maggie Ryan sofre assédio de um dos viajantes, que literalmente passa a mão nela e parte para “cima dela” (Imagem 3, destacada acima na pág.8). A mesma, que estava servindo as refeições naquele momento, se defende empunhando um garfo contra ele. Sabendo do ocorrido, o piloto-chefe da tripulação ao invés de interceder pela moça, ameniza apenas o lado do passageiro em questão, preocupado com a opinião dele quanto aos serviços prestados. Maggie, que é uma mulher informada e ativa, à frente de sua época, não se

conforma e fica, no mínimo, chateada com o colega questionando-o seriamente por qual motivo não a defendeu, porém, o mesmo não tem uma resposta que a convença, até porque sua atitude diante da situação, literalmente, falou mais alto. Trazendo para a atualidade, não é diferente, e em pleno 2018, ainda são "comuns" situações como essas. Na reportagem publicada Pelo Jornal Extra (2018)[6], com o título "No Dia do Comissário de voo, aeromoças revelam como lidam com o assédio", as profissionais mencionam de que forma reagem em casos assim. Uma delas (Patrícia Novak) contou: "alguns passageiros alisam as nossas mãos quando vamos entregar alguma bebida [...] minha reação é agir com total profissionalismo e mostrar o meu descontentamento". Outra aeromoça ao passar por uma experiência parecida com a de Maggie, comissária da *Pan Am*, mencionou que foi abordada nos fundos do avião por um passageiro e o mesmo (estando na companhia da esposa na aeronave), a convidou para sair. Ela relata que agiu com muita firmeza, falou para ele que a atitude dele estava completamente errada e configurava assédio. O mesmo ficou sem graça e voltou para o assento. A matéria do Extra destaca ainda que são "rígidos padrões que grande parte das empresas aéreas exigiam para a contratação de comissários de voo".

O nono episódio é de todos, o mais impactante e mostra, que a problemática do machismo não é fato isolado, e pode estar presente em todos as relações, em especial, as de poder (conforme já mencionado no Tópico das Representações), tornando-se mais "corriqueiro" do que se imagina. Até o momento havíamos relatado casos de abuso por parte dos passageiros, mas nesse capítulo o assédio foi além. Laura, é a integrante da tripulação com menos tempo de serviço. Durante uma viagem, ao sair da cabine, após ser chamada para levar um café para o piloto, o co-piloto deu um "tapinha" no bumbum dela, que ficou desconcertada e se pôs rapidamente para fora do recinto. Não se dando por satisfeito, em seguida, o mesmo a chamou novamente para levar um cafezinho para ele. Dessa vez, o comportamento dele foi mais intrigante ainda, quando pediu que a moça limpasse a janela do avião que estava suja. Ao fazer o que ele pediu, o co-piloto aproveitou a oportunidade (premeditada), para observar os seios da comissária (Retratado nas Imagens 4 e 5 abaixo).

[6] Saiba mais em: https://extra.globo.com/noticias/rio/no-dia-do-comissario-de-voo-aeromocas-revelam-como-lidam-com-assedio-22735775.html

Conforme já mencionado anteriormente, complementamos agora que o machismo é efeito de uma representação simbólica, onde o imaginário é exteriorizado, por meio de atitudes como as que levantamos. Não seria esta uma forma de autoafirmação na relação arbitrária a qual determinados homens submetem as mulheres? Em sua Obra: *Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão da Identidade*, a ativista Judith Butler (2003, p.7-8), defende que entre outros, esse traço pode representar uma espécie de "dependência radical do sujeito masculino diante do “Outro” feminino". A autora do Livro: *Mito da Beleza - Como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres,* Naomi Wolf (1992, p. 279), menciona que embora muitas barreiras tenham sido vencidas até que o sexo feminino conseguisse entrar no mercado de trabalho, isso porém, não foi suficiente "para mudar o machismo do próprio poder". E existe segundo ela, uma certa pressão a fim de as mulheres "se adequarem à atmosfera masculina", o que nos leva a pensar que infelizmente, isso ocorre em todos os aspectos ficando evidente na cena em que Maggie foi assediada, e ao tentar reagir, recebeu como resposta a indiferença.

As jovens mulheres funcionárias da companhia área, "criadas para concorrer como homens em instituições masculinas rígidas [...]" precisam, segundo Wolf (1992, p.280), "manter até o mínimo detalhe uma feminilidade impecável", conforme ficou evidenciado em várias cenas que antes de cada viagem, elas passavam pela pesagem, como se estivessem inseridas dentro de um processo de "controle de qualidade", não importa, o foco era, estar "impecável". Ao trazer à tona vários desses casos referentes ao machismo e como o mesmo afeta as mulheres, em especial, quando ocorre no local de trabalho, a autora (p.54) faz menção ao que outros estudiosos do assunto externaram: "As mulheres percebem a si mesmas e a outras mulheres num constante confronto com a experiência duálística de ser,

ao mesmo tempo, 'feminina' e 'eficiente', enquanto não observam nos homens essa mesma contradição". Ou seja, existe sempre esse embate, quando não pelo padrões a serem seguidos, é pela resistência que têm de enfrentar em relação a não mudança de conduta por parte dos empregadores ou mesmo, dos "colegas" de trabalho. Estes ocorrências expõem drasticamente o que Wolf (p.55) apontou: "pesquisa revela que as vítimas de assédios sexuais raramente se encontram em posição de dizer ao importuno que pare". A personagem Maggie, da Série, enfrentou tal desafio, mas ao assistir o episódio, tem-se a impressão que após tal confusão, ela poderia ter perdido o emprego. Na ficção isso não ocorreu, porém, na "vida real", muitas mulheres convivem com medo que isso possa acontecer, já que geralmente estão numa posição de maior vulnerabilidade seja física, emocional e psicológica. Mesmo diante de leis que protegem, nem tanto na década de 60, um pouco mais na atualidade, muitas profissionais certamente se fecham temendo o risco de serem demitidas. Para Wolf (1992, p.25), alguns homens ainda usam a "beleza" das mulheres como uma forma de moeda de troca entre eles, tendo ou não relação a vínculos empregatícios. É como se pensassem "uma mulher linda como um milhão de dólares, uma beleza de primeira classe, o seu rosto é a sua fortuna".

Reforçando este ponto a autora do Mito da Beleza, complementou que à medida em que as mulheres jovens se emancipavam, eram instruídas e começavam a trabalhar nas cidades e a viver sozinhas, entre formatura e casamento, (como Laura da Série que abandonou o noivo, praticamente no altar, para se dedicar à profissão), atenuou-se essa sexualidade mística comercial em torno da figura da aeromoça, da modelo, da secretária. A jovem mulher trabalhadora ficou restrita a uma rotulação que usava a beleza para mantê-la empregada. Por outro lado, percebeu-se que, embora uma parte das mulheres conquistam um espaço na vida profissional e social antes jamais ocupado, tantas ainda continuaram se aprisionando nos padrões estereotipados e comportamentos impostos há anos pela sociedade machista e patriarcal. Algumas ainda seguem o velho pensamento da “donzela, recatada e do lar”, mesmo sendo profissionais exemplares.

Entendemos que além das imposições de um patriarcado que persiste, somados às pressões de uma cultura capitalista e midiática, esta é, como já apontamos, uma questão ligada, conforme defende Wolf (1992), e Landowski (2012, p.4) à identidade *versus* alteridade, ou, na forma como "um" vê o "outro". Ambos se esforçam em suas obras a

explicar que numa relação de oposição, de poder, isso pode se tratar de uma forma de "reduzir o dessemelhante" , de não reconhecimento ou aceitação da alteridade do "outro".

Levantadas tais discussões em torno do tema, consideramos, amparadas em Wolf (1992, p.377), feminista da nossa época, que "a mudança mais difícil, porém, mais necessária, não virá dos homens nem da mídia, mas das mulheres — da forma pela qual encaramos as outras".

Considerações finais

Consideramos que o imaginário e representações, sustentam e produzem estereótipos e atitudes amparadas em narrativas patriarcais e machistas, manifestadas tão fortemente em nosso meio, ainda em pleno Século XXI. Tais fatores ganham corpo e são reproduzidos por meio da mídia, conforme Landowski (2012, p.13), implantados na memória e insistem em permanecer através de uma cultura midiática, que certamente influencia no comportamento masculino.

Passados aproximadamente sessenta anos desde o ínicio da profissão de aeromoça, como identificamos neste estudo ou como colocado por Bystrina (1995), além de reportagem do Extra (2018) — que faz um link entre uma época e outra — percebe-se que pouco mudou nesta profissão com tantas exigências que as mesmas estejam sempre "impecáveis", e também devido a isso, supomos, continuam frequentemente sendo alvo assédio. Este tipo de atitude diz respeito a um traço identitário, de gênero ou simplesmente no âmbito do preconceito e das desigualdades reforça, para nós, uma ideia de negação do outro.

Referências bibliográficas

Bystruina, Ivan. **“Tópicos de Semiótica da Cultura”** aulas do professor Ivan Bystrina – Maio de 1995 – tradução: Prof. Dr. Norval Baitello Jr. e Sônia B Castino 2009.

Contrera, Malena Segura, **“Mediosfera, meios, imaginário e desencantamento do mundo”.** Editora Imaginalis, 2 edição, Porto Alegre 2017.

DICIONÁRIO ONLINE. **Sociedade humana rudimentarmente organizada.** Disponível em:<https://www.dicio.com.br/tribo/> Acesso em 30 de maio de 2018.

Durand, Gilbert **“A imaginação simbólica”**, Editora Edições 70, Lisboa: 1993.

_____, Gilbert **"O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem"** 3 edição, Editora Difel; Rio de Janeiro: 2004.

DVD da série *Pan Am:*Disponível em:< https://www.amazon.com/Pan-Am-Season-Christina-Ricci/dp/B0062LQPGO> Acesso em 10 de junho de 2018.

ELLEN CHURCH. Disponível em:< http://ceabbrasil.com.br/blog/historia-aeromoca-comissario-bordo/> Acesso em 10 de junho de 2018.

ESCOLA DE AVIAÇÃO. Disponíevl em:<Imagem de profissionais da aviação da atualidade – aeromoças www.ceabbrasil.com.br> Acesso em 10 de junho de 2018.

EXTRA. **No dia do comissário de voo, aeromoças revelam como lidam com assédio.** Disponível em:<extra.globo.com/noticias/rio/no-dia-do-comissario-de-voo-aeromocas-revelam-como-lidam-com-assedio-22735775.html> Acesso em 25 set 2018.

Feldmann, A.F.. "**Mulheres no Universo midiático: meios de comunicação e equidade de gênero"** Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXII Congresso de Ciências da Comunicação, Curitiba, PR 04 a 07 de maio de 2009.

Lourenço, A. C. S.. **"A 'objetificação' feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos"** Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Vila Velha, ES, 22 a 24 de maio de 2014.

Morin, Edgar. **"O homem e a morte"** 2 edição, Publicações Europa América 1970

_____, Edgar. **"O enigma do homem"** Zahar Editores, Biblioteca de ciências sociais, Rio de Janiero:1975.

QUERINO, Geni **"A presença e a erotização do corpo feminine nas propagandas de cerveja no Brasil"** Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem – ENCOI 24 e 25 de novembro de 2014, Londrina – PR.

SÉRIE PAN AM. Disponível em:< www.apaixonadosporseries.com.br/series/primeiras-impressoes-pan-am/ > Acesso em 30 de maio de 2018

WOLF, Naomi **"O mito da Beleza"** Ed Rocco, Rio de Janeiro 1992